Os rastos do "Dineo" sobre a mulher e criança em Inhambane

Por Célia Sitoe

Ao princípio da tarde do dia 15 de Fevereiro último, a província de Inhambane foi sacudida por ventos fortes, acompanhados de alguma chuva, que provocaram a queda de árvores e de postes de transporte de energia eléctrica, bem como a danificação infra-estruturas diversas e provocaram sete mortos, além de colocar em risco a vida de milhares de outras pessoas. A queda de coqueiros sobre habitações colocou mulheres, crianças e idosos em graves situações de risco. Enquanto isso, malfeitores viram no desastre uma oportunidade para entrarem em "cena", roubando chapas de zinco e utensílios domésticos, enquanto famílias desalojadas procuravam refúgio em casas de vizinhos. SEKELEKANI seguiu as pegadas do "Dineo" e traz histórias de quem viveu momentos dramáticos de uma "fúria divina" jamais vista.

Destruição de infra-estruturas

Em Fevereiro do presente ano a cidade de Inhambane foi fustigada por um ciclone denominado Dineo, cujas consequências estão mais assentes na destruição de habitações e de infra-estruturas, nomeadamente públicas, como escolas e centros de saúde. A queda de árvores, nomeadamente de coqueiros, sobre habitações, foi uma das mais salientes da fúria do ciclone, jamais visto naquela região, nem mesmo pelos mais velhos.

O ciclone fustigou agressivamente os distritos de Funhalouro, Homoíne, Inharrime, Jangamo, Mabote, Massinga, Morrumbene, Panda, Vilankulo, Zavala, cidade de Inhambane e Maxixe , afectando mais de 130 familias. Por outro lado, 29 173 hectares com culturas de milho, feijão nhemba, mandioca, hortícolas e fruteira foram devastados pela fúria dos ventos.

Dentre as famílias atingidas pelos violentos “sopros”, encontram-se mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade, algumas em total estado de desamparo, experimentando fome e ainda vivendo sem abrigo condigno.

Uma equipa de pesquisa do SEKELEKANI percorreu recentemente os distritos de Homoíne, Massinga e Morrumbene, onde testemunhou o drama de famílias que, de um dia para outro, ficaram despojadas de todos os seus haveres, perdidos nas habitações destruídas pela natureza e pilhadas por ladrões, que se acoitaram na calada dessa noite tempestuosa e medonha de 15 de Fevereiro.

Casa destruída e saqueada por malfeitores

"Dineo" não *queria* matar pessoas…

Por todo o lado, comenta-se, entretanto, que este “Dineo”, que em Inhambane provocou a morte de sete pessoas, talvez não “quisesse” matar, pois se tal fosse a sua “intenção”, a sua fúria teria feito várias centenas de vítimas. “Deus nos poupou a vida”, é a frase com que todos procuram amenizar a dor sofrida pela destruição de suas habitações e derrube de suas árvores, nomeadamente de coqueiros, a planta-símbolo da província de Inhambane, nomeadamente da sua larga zona costeira.

No distrito de Morrumbene houve registo de três vítimas mortais, todas atingidas por queda de coqueiros sobre as suas habitações. Foi nestas circunstâncias que Celeste António, uma jovem de 22 anos, perdeu o seu único filho, um menor de 5 anos, quando tentava protegê-lo. Celeste estava sozinha em casa pois o marido trabalha na África de Sul. "Atrás da casa tinha um coqueiro. Eu deitei a criança debaixo da cama, certa de que ali ela estaria mais segura, mas o coqueiro veio a cair precisamente por cima da cama, atingindo a criança", conta ela, desalentada. Ela diz que saiu para pedir socorro; vizinhos vieram cortar o coqueiro para salvar a criança, mas era em vão: ela tinha sido atingida mortalmente pelo coqueiro. "Mesmo assim levamos a criança para o hospital", continua. Mas era apenas para reconfirmar o óbito.

Já melhor sorte teve Maurício João, que afirma ter visto a morte bem por perto de si, e da qual acredita ter escapado por milagre. "Eu, a minha esposa e filhos estávamos a dormir, e uma das chapas de zinco que cobrem a casa começou a abanar. Aí a minha esposa despertou e mudamos a posição da cama. Daí a segundos vimos um coqueiro cair, exactamente entre nós os dois! Daí levantamos e subimos pelo próprio coqueiro e fomos pedir refúgio na vizinhança. Fiquei muito tempo sem reconstruir a casa porque ainda estava com trauma; não acreditava que tinha escapado da morte. Todas as chapas de zinco ficaram destruídas e só com a ajuda de pessoas de boa vontade consegui cobrir de novo a casa", conta João, que já tem a casa reabilitada.

Histórias semelhantes, de sobreviventes "por milagre" são também contadas no distrito de Massinga.

Mariana Massingue, uma idosa com dificuldades de locomoção, conta que no dia do ciclone encontrava-se de cama, doente. Foi então socorrida por uma vizinha que, apercebendo-se da intensidade do vento, convidou-a para se abrigar em sua casa. "É assim que escapei, pois a minha casa ficou totalmente destruída. Regressei três dias depois, pois não conseguia andar. Enquanto refugiada em casa da vizinha, larápios invadiram a minha casa e me roubaram a única manta que tinha. Já consegui recuperar a casa, mas preciso da manta porque sinto muito frio"., lamenta-se a septuagenária.

Idosa doente clama por um cobertor para se proteger do frio

Amélia Homo é outra idosa que considera que sobreviveu por milagre. E conta: “Eu ando doente; não consigo fazer nada; até para me mexer é difícil. Eu vi tudo acontecer e achei que fosse morrer. Se sobrevivi é porque Deus assim quis. Aqui havia duas casas; quando tentava fugir de uma casa para outra, vi dois paus caírem à minha frente; quase em simultâneo vi uma chapa de zinco a descair em minha direcção. Os vizinhos viram que estava aflita e vieram em meu socorro; mas ao sair de casa um coqueiro partiu-se e vinha para cima de mim. Ai atirei-me ao chão, e o coqueiro não me atingiu", conta, incrédula, a vovó Amélia. Dias depois o governo local ofereceu-lhe uma tenda, para se abrigar.

Tenda concedida pelo governo local a pessoas mais necessitadas

Para evitar, no futuro, casos desta natureza, as autoridades locais estão a mobilizar e sensibilizar as comunidades para eliminarem todos os coqueiros que constituam perigo ao redor de residências.

Ao longo do percurso encontramos famílias ao relento, ao lado de árvores tombadas no chão e queimadas como se uma chama de fogo tivesse passado por elas.

Este é o caso de Mónica Gilmar, único membro sobrevivo da sua família. Naquela fatídica tarde, ao aperceber-se da fragilidade da sua casa, ante os ventos fortes que vinham do lado do mar, Mónica segurou em suas mãos apenas um lençol e foi pedir refúgio à casa mais próxima. Com a queda da sua casa, ela conta que perdeu tudo, incluindo alimentos, loiça e outros haveres domésticos. Para sobreviver e procurar recuperar alguns bens e comprar chapas de zinco para voltar a cobrir a sua barraca, Mónica cultiva em machambas de terceiros onde recebe 150 meticais, por parcela cultivada. Contudo, esta mesma actividade tornou-se rara, pois quase todas as famílias foram vítimas do mesmo desastre natural.

Especial atenção a crianças e idosos solitários

No distrito de Massinga onde ficou inundada uma área de 135 hectares com culturas de milho, batata-doce e hortícolas encontramos três crianças vivendo sozinhas. Estêvão de 17 anos é o mais velho. Ele conta que perdeu o pai ainda muito cedo e sua mãe casou com outro homem e os deixou a sós há sensivelmente um ano. “ Estávamos com muito medo”, diz Estêvão ao recordar-se do dia ciclone

“ Nos primeiros dias, depois de nos deixar, a mama costumava ligar-nos; mas depois deixou; já não liga. No dia-a-dia fazemos alguns biscates para ter o que comer. Nenhum de nós vai à escola; só ficamos aqui”, acrescenta Estêvão.

Segundo refere o líder comunitário local, os três menores serão alvos de assistência especial, nomeadamente no que diz respeito a fornecimento de alimentos. “Os vizinhos ajudaram a construir uma barraca só para que eles conseguissem dormir”, informa o líder local.

O governo provincial, em parceria com organizações humanitárias, tem estado a realizar missões de levantamento de danos pelos distritos, para prestação de algum apoio, principalmente providenciando “kits” de abrigo às pessoas mais vulneráveis. Trinta casas serão construídas em Morrumbene e em outros distritos, para os mais afectados, com especial atenção para deficientes, crianças, mulheres e idosos.

Figure Mãe e filho desalojados

Maimuna tem três filhos e vive com a mãe idosa. Sem renda fixa ela foi uma das primeiras beneficiárias das referidas casas feitas de zinco. No dia do ciclone ela, seus filhos e sua mãe arriscaram suas vidas dormindo numa casa de construção precária que localmente chamam barraca. Mas esta veio a desabar horas depois. Com a casa nova Maimuna sente que estará mais segura e sua família mais protegida e agradece o apoio do governo.

Por alguns dias as crianças ficaram sem ir à escola, porque grande parte das salas haviam sido destruídas. A este propósito, a Administradora de Morrumbene, Elsa Armando, informa que situação tende a voltar à normalidade: alunos, professores e encarregados de educação engajaram-se na reabilitação de salas de aulas e, em algumas zonas, onde as destruições foram mais graves, foram instaladas tendas.

Casa melhorada construída pelo governo

A força da solidariedade e da boa vizinhança

Uma onda de solidariedade moveu-se antes, depois e durante os ciclones vizinhos socorriam-se uns aos outros: aqueles cujas habitações não haviam sido de qualquer forma danificadas prontamente acomodavam os que iam ficando desabrigados e correndo o risco de vida. Bernado

Homoine foi uma dessas pessoas solidárias. Homoine albergou cerca de 15 pessoas em sua residência por uma semana. Ele conta que naquele dia ficaram acordados a noite toda devido ao medo. Sendo que a sua casa tem apenas dois quartos, homens dormiram num, e mulheres noutro. Cada família era responsável pela sua própria alimentação.

Sheila Mariza e seus irmãos órfãos beneficiaram desse espírito solidário, até duas semanas depois, quando a equipa do SEKELEKANI fez este percurso. A casa deles ficou completamente destruída e estes não tem recursos para reergue-la. Contrariando este espírito solidário, bandos de malfeitores percorreram as casas descobertas ou semi-destruídas, saqueando-as, ao longo da noite do "Dineo". As vítimas, dadas as circunstancia em que perderam os seus bens, contam estas histórias com sentida mágoa.

Esperando pela construção da casa idosa passas seus dias aqui

Após este desastre natural duas lições foram aprendidas em Inhambane: a primeira é que coqueiros e demais árvores devem estar distantes das habitações. A segunda é que, com espírito de solidariedade, os vizinhos podem apoiar-se uns aos outros, independentemente de qualquer laço de parentesco, e assim minimizarem as consequências de eventos nefastos e imprevisíveis.